



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E INTERDISCIPLINARES**

JOSEANE ANDRÉ DE LIMA

**O BULLYING E A INDISCIPLINA COMO FATORES
COMPROMETEDORES DO ENSINO E DA APRENDIZAGEM NA
ESCOLA**

**PRINCESA ISABEL – PB
2014**

JOSEANE ANDRÉ DE LIMA

**O BULLYING E A INDISCIPLINA COMO FATORES
COMPROMETEDORES DO ENSINO E DA APRENDIZAGEM NA
ESCOLA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Secretaria de Estado de Educação – PB, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientador: Prof. Ms. José Emerson Tavares de Macêdo

Princesa Isabel-PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

L734b Lima, Joseane André de
O Bullying e a indisciplina como fatores comprometedores do ensino e da aprendizagem na escola. [manuscrito] / Joseane André de Lima. - 2014.
46 p. : il. color.

Digitado.
Monografia (Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares EAD) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.
"Orientação: Prof. José Emerson Tavares de Macêdo, Centro de educação".

1. Indisciplina na Escola. 2. Bullying. 3. Violência na Escola. I. Título.

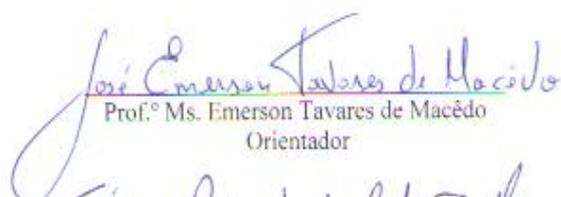
21. ed. CDD 371.58

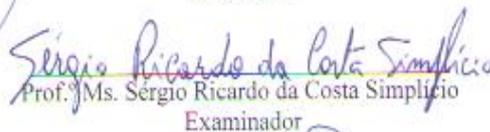
JOSEANE ANDRÉ DE LIMA

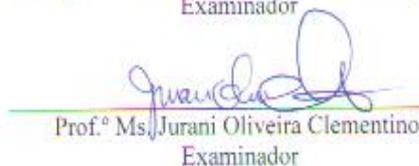
**O BULLYING E A INDISCIPLINA COMO FATORES COMPROMETEDORES DO
ENSINO E DA APRENDIZAGEM**

Monografia apresentada ao curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba em convênio com a Secretaria de Educação Estado da Paraíba em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em 26 de julho de 2014


Prof.º Ms. Emerson Tavares de Macêdo
Orientador


Prof.º Ms. Sérgio Ricardo da Costa Simplício
Examinador


Prof.º Ms. Jurani Oliveira Clementino
Examinador

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos que fazem parte das Escolas Estaduais: Gama e Melo e Marçal Lima Neto nas quais atuo como professora em uma e na outra como gestora, E também a Universidade Estadual da Paraíba em parceria com a Secretaria de Estado da Educação que me proporcionaram concluir este Curso.

AGRADECIMENTOS

A Deus primeiramente por ter-me disponibilizado coragem e empenho para participar das aulas presenciais e à distância as quais contribuíram para enriquecer meus conhecimentos.

A minha família que me incentivou a permanecer até o final do curso e ajudou a cuidar do meu filho Isaías na minha ausência.

Aos profissionais da educação que se empenham em buscar novos conhecimentos e novas formas para melhor exercer suas funções.

Aos professores da UEPB com os quais pude ter contato e dessa forma adquirir conhecimentos. São eles professor Nivaldo Rodrigues, Jurani Oliveira Clementino, Sérgio Murilo, Sérgio Simplício e ao Professor José Emerson Tavares de Macêdo que tão bem me orientou nesta monografia.

Ao meu pai Pedro André (in memoriam) por ter sido um exemplo de educador através do diálogo, da compreensão e da harmonia.

O compromisso de educar na escola, na família ou em qualquer ambiente de convivência, além de ético pela natureza da ação, precisa ser afetuoso para acolher agressores, vítimas e espectadores, caso contrário será reprodutor da intolerância. Livrar-se da agressão, e não do agressor, deve ser o propósito de todos nós.

(CHALITA, 2008, p. 97).

RESUMO

O objetivo deste trabalho é discutir a indisciplina e as práticas do bullying na Escola Estadual de Ensino Fundamental Normal Médio Gama e Melo, tendo em vista que estas práticas são recorrentes no espaço escolar. Utilizamos de entrevistas com alunos e a gestora da escola no intuito de percebermos como o fenômeno do bullying é visto nesse espaço escola. Pretendemos também abordar sobre o significado do termo bullying, caracterizando os personagens envolvidos, como se manifesta, suas causas, as consequências, os procedimentos de erradicação ou diminuição desta prática nas escolas. Para uma compreensão significativa partilhamos de um estudo bibliográfico de autores que discutem sobre a temática.

Palavras-chaves: Aluno. Bullying. Escola. Indisciplina.

ABSTRACT

The objective of this paper is to discuss the discipline and practice of bullying at the State Primary School and Normal Medium Range Melo, considering that these practices are recurrent at school. We used interviews with students and the school management in order to realize how the phenomenon is seen in this space bullying school. We also intend to address on the meaning of the term bullying, featuring the characters involved, how it manifests itself, its causes, consequences, procedures for eradication or reduction of this practice in schools. For a meaningful understanding of a shared bibliographic study of authors who discuss the topic.

Keywords: Student. Bullying. School. Indiscipline.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FOTO 01 Faixada da Escola Gama e Melo.....	34
Foto 02 Entrevistando a Gestora da Escola Gama e Melo.....	43

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Entrevista com a gestora da Escola Gama e Melo	42
--	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1º CAPÍTULO	
1. DEFINIÇÃO DO BULLYING	16
1.1 Manifestações comportamentais do bullying.....	18
1.2 Parceiros do combate ao bullying	20
2º CAPÍTULO	
2. O BULLYING NO ESPAÇO ESCOLAR	
2.1 Como identificar o bullying no ambiente escolar?	23
2.2 Consequências do bullying na escola	24
2.3 Como prevenir a violência na escola e na sociedade?	26
2.4 A escola e o confronto ao bullying	30
3º CAPÍTULO	
3. A PRÁTICA DO BULLYING NA ESCOLA GAMA E MELO	34
3.1 Como reagem às crianças/adolescentes que sofrem o bullying?	38
3.2 A visão da gestora da escola em relação ao bullying.....	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	46

INTRODUÇÃO

A nossa inquietação discutida neste trabalho, surgiu a partir das dificuldades encontradas no cotidiano da Escola Estadual Gama e Melo, mais precisamente com os educandos dos 6º e 7º anos. Constatado por nós professores, nos encontros pedagógicos, sobre o comportamento e a violência dos alunos em sala de aula como: xingamentos, chacotas, agressividade, o que nos fez perceber que esta problemática influencia e contribui na aprendizagem e gera a indisciplina.

O nosso tema “*Bullying* e a indisciplina como fatores comprometedores do ensino e da aprendizagem na escola” está em consonância com a linha de pesquisa sobre o *Cotidiano Escolar e Práticas Pedagógicas* com suas especificidades “no cotidiano, seus sujeitos e suas práticas”.

A Escola Estadual de Ensino Fundamental Normal Médio Gama e Melo localiza-se na Avenida Presidente João Pessoa, 460 no Centro de Princesa Isabel-PB. Atende a uma clientela de baixa renda na qual em sua maioria os educandos são oriundos de famílias beneficiadas por programas federais. Os trabalhos escolares estão distribuídos nos três turnos divididos da seguinte forma: segunda fase do Ensino Fundamental (6º ao 8º anos) nos turnos matutino e vespertino, o Ensino Médio na modalidade Normal no turno noturno, com apenas a turma do 4º ano Normal.

Por ser um tema atual, embora a palavra não seja originária da nossa língua, *bullying* é uma palavra de origem inglesa que conceitua os comportamentos agressivos e antissociais, resolvemos desenvolver este trabalho enfatizando esta temática, que faz parte do cotidiano escolar, já que constantemente nos deparamos com diversas situações agressivas, intencionais e repetitivas, nas quais geram violência, pois causam dor, angústia e sofrimento; outras atitudes como insultos, intimidações, apelidos, gozações magoam as pessoas; acusações e injúrias, formação de grupos que hostilizam e infernizam a vida de alguns alunos e isto contribui para a exclusão de muitos educandos, sem contar com os traumas e constrangimentos causados.

Como a escola é uma instituição educativa que está voltada ao processo de aprendizagem e prima pelo bem estar de cada educando, ela deve identificar casos

de *bullying* que ocorrem no ambiente e para isso, nós educadores necessitamos aprofundar nossos conhecimentos sobre o tema, almejando eliminar este tipo de violência dentro das instituições de ensino.

O fato de a escola ser um espaço de integração e não de isolamento ou gerador de conflitos é que ela, desde cedo deve trabalhar a questão do *bullying* para que os agressores não se transformem futuramente em “marginais” assim como vítimas e não acabe se retraindo do ambiente escolar, negando-se por muitas vezes a frequentar o recinto ou então adquira patologias ou sentimentos de vingança que futuramente possam prejudicar na sua vida.

A prática do *bullying* ocorre com mais frequência nas escolas, e nesse caso a instituição tem o dever de buscar meios para solucionar estes problemas e todas as pessoas inseridas neste recinto como família, gestores, professores e funcionários têm o dever de colaborar para solucioná-lo. Segundo Fante (2011, p.174) “é no ambiente familiar que a criança aprende ou deveria aprender a relacionar-se com as pessoas, respeitar e valorizar as diferenças individuais, desenvolver a empatia e adotar métodos não violentos”.

Diante disto, entendemos que a parceria entre escola/família torna-se imprescindível porque através dela, todos exercem sua cidadania, prática essencial para formação da criança e do jovem. Já para Guareschi e Silva (2008) falam para os pais de crianças que praticam o *bullying* da importância de manter a calma e conversa com seu/sua filho (a) para que eles busquem conhecer os reais motivos que o levaram a agir desta forma e incentivam a mudarem de atitudes. E ainda prosseguem destacando sobre a importância de que os pais não apliquem castigos nem batam, mas sim procurem ajuda da escola e incentivem a criança a participar de projetos solidários propostos pela instituição.

Entendemos que o *bullying* está presente cotidianamente no ambiente escolar, devido está associado a situações de agressões intencionais verbais e/ou físicas que ocorrem de maneira repetitiva por uma ou mais pessoas, porém esta prática muitas vezes é adquirida fora do recinto, já que hoje em dia, as crianças são mais agitadas, às vezes sem limites e, em muitos casos, não respeitam seus semelhantes, devido à falta de autonomia pelos pais, o que gera uma série de conflitos internos e externos.

Quando estas crianças chegam à escola se deparam com uma diversidade de pessoas e costumes, o que faz com que elas se adaptem ou não ao ambiente. E sendo assim, muitos rejeitam as normas ou o próprio convívio.

A partir dessa característica desenvolvem ou demonstram comportamentos agressivos de modo que geram uma série de problemas como indisciplina e déficit no aprendizado de cada educando que pratica ou agride seu semelhante. Esta prática encontra-se presente em quase todas as escolas do nosso país e possivelmente no mundo inteiro e independe de cultura ou nível social, pois as pessoas que praticam, pertencem a vários segmentos da sociedade.

Uma das razões de quem pratica o *bullying* está associada a fatores educacionais que porventura falharam no ambiente familiar, como por exemplo: a falta de limites e de valores, punições físicas, convivência em ambientes violentos, autoritarismo familiar com agressividade, ausência de regras de convivência bem como ausência de afetividade, dentre outros fatores que contribuem para formação da criança agressiva e que se considera no direito de não respeitar o próximo, fazendo com que ela sinta-se na obrigação de maltratar as pessoas com as quais convivem.

Dessa forma, temos por objetivo discutir as práticas do *bullying* na Escola Estadual de Ensino Fundamental Normal Médio Gama e Melo. Desenvolveremos neste trabalho um estudo na qual aborde as causas e as consequências, tanto para as pessoas que praticam, quanto para as crianças que se tornam vítimas o fenômeno do *bullying*.

Nos pautamos, teoricamente de autores como Ana Beatriz Barbosa Silva (2009), Gabriel Chalita (2008), Cleo Fante (2011), Sônia Maria de Souza Pereira (2009), Içami Tiba (2006), Nelson Pedro - Silva (2013), dentre outros. Vale destacar que estes autores apresentados, estão ligados à educação uma vez que são educadores e psicólogos de modo que suas preocupações são semelhantes, pois todos tentam mostrar à sociedade leitora que devemos tomar conhecimento da gravidade que é a prática do *bullying* e desta forma, possamos encontrar meios para solucionar e/ou minimizar tais problemas.

Partindo do pressuposto de que o *bullying* é um tema abrangente e que se faz presente em vários segmentos da sociedade, sobretudo no setor educacional, nós

educadores sentimos a necessidade de aprofundarmos os conhecimentos referentes à problemática para que assim saibamos lidar com situações a ela relacionadas.

Dessa forma, é imprescindível que os profissionais da educação tenham embasamento teórico sobre o assunto para que os auxiliem em suas práticas pedagógicas levando-os a executarem um trabalho significativo e relevante onde possam lidar com diversas situações relacionadas ao *bullying* e à indisciplina.

No primeiro capítulo, abordaremos algumas definições sobre o bullying bem como suas manifestações comportamentais e parceiros do combate ao bullying, baseados em alguns teóricos que preocupados com a questão nos mostram conhecimentos envolvendo à temática.

No nosso segundo capítulo, discutiremos sobre as práticas e/ou estratégias de como identificar o bullying no ambiente escolar, quais as consequências causadas pelo fenômeno, como prevenir a violência escolar e social e os confrontos do bullying na escola.

E por fim, no nosso último capítulo apresentaremos as práticas do bullying na Escola Estadual Gama e Melo, detectadas através da vivência cotidiana, assim como através de aplicações de questionários com os alunos e de entrevista com a gestora da instituição.

CAPÍTULO 1

1. DEFINIÇÃO DO BULLYING

Segundo Silva (2010 p. 21), a palavra bullying ainda é pouco conhecida do grande público. O termo é de origem inglesa e sem tradução ainda, no Brasil, mas é utilizada para qualificar comportamentos violentos no âmbito escolar, tanto de meninos, quanto de meninas. E quais comportamentos seriam estes? Agressões, assédios, ações desrespeitosas e todas realizadas de maneira provocadora e intencional pelos praticantes.

Na percepção de Gabriel Chalita (2008) “o bullying é um comportamento ofensivo, aviltante, humilhante, que desmoraliza de maneira repetida, com ataques violentos, cruéis e maliciosos, sejam físicos, sejam psicológicos”. (CHALITA, 2008, p. 82). Já para a educadora e pesquisadora Cléo Fante (2011, p. 27), “a palavra bullying é de origem inglesa e adotada em muitos países para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar outra pessoa ou colocá-la sobre tensão”.

Partindo destes pressupostos pode-se entender que bullying, significa violência contra pessoas frágeis de diversas formas possíveis: físicas, psicológicas, étnicas, raciais, religiosas, sexuais e verbais. Estas formas de violência são reconhecidas ou detectadas nas escolas, nos lares, em locais de trabalho, asilos, onde a prática acontece contra os idosos, em agrupamentos de ruas, bairros ou cidades transformando-se em uma questão social bastante preocupante já que a sociedade ainda não disponibiliza de leis ou subsídios de prevenção ou erradicação.

A percepção dessa prática também acontece nas escolas, uma vez que o educador, com sua pedagogia detecta melhor o comportamento dos alunos. E nessa percepção, ele entende que esta prática influi muito o ambiente escolar, seja relacionado ao aprendizado do educando, seja na convivência pessoal, visto que transforma o espaço em um lugar de atritos, indisciplina, desunião dentre outros problemas.

Segundo Pereira (2009) menciona que um dos pioneiros a detectar o problema de forma específica, foi o pesquisador norueguês da universidade de

Berger, Dan Olweus que percebeu os incidentes e gozações ou brincadeiras entre os indivíduos. Esse estudo detectou que

A cada sete alunos, um estava envolvido em casos de bullying. Diante desta situação o governo norueguês apoiou uma campanha nacional para reduzir essa prática e como de fato aconteceu, reduziu em cerca de 50% os casos de bullying nas escolas. Diante deste sucesso, outros países como Reino Unido, Canadá e Portugal promoveram campanhas de intervenções semelhantes. (PEREIRA, 2009, p. 33-34).

O programa desenvolvido por Olweus continha regras práticas contra o bullying nas escolas, como alcançar o envolvimento dos educadores e dos pais através da conscientização do problema apoiando e protegendo as vítimas. Este programa consistia na adoção de um questionário de aproximadamente vinte e cinco questões com respostas e múltipla escolha e que verificavam diversas questões dentre elas, a frequência do aluno, os tipos de agressões e de agressores, locais onde ocorriam tais práticas. O objetivo deste questionário era identificar as vítimas e os agressores, pelas próprias crianças.

Estas agressões, para que sejam confirmadas propriamente como bullying, se faz necessário que ocorram, no mínimo três vezes contra a vítima durante o ano. O que torna corriqueira esta prática, devido isto acontecer frequentemente no ambiente escolar, principalmente as agressões, verbais. Estes acontecimentos muitas vezes dificulta o curso das aulas, visto que o educador interrompe sua aula para fazer algumas reclamações e/ou indagações nas quais os envolvidos possam refletir sobre valores humanos e o respeito pelo próximo.

Nelson Pedro Silva (2013, p. 139) diz que “uma das formas de se diminuir a indisciplina e a prática do bullying nas escolas é motivar os alunos”. Talvez esta seja uma regra importante já que, a maioria dos jovens não sente motivação pelos estudos devido à escola ser um lugar não muito atrativo e talvez ainda, porque nós educadores estejamos presos ao passado usando uma metodologia ultrapassada, enquanto os jovens vivem intensamente a era digital. Desta forma precisamos também buscar metodologia eficaz para que assim consiga atrair em nosso público o interesse pelo saber e não pela violência.

Abarcamos a ideia de Pereira (2009), quando o autor diferencia indisciplina de bullying enfatizando que

A indisciplina pode ser resolvida com o diálogo entre profissionais da escola, alunos e família. Enquanto que o bullying não é tão fácil de solucionar já que ele necessita de uma intervenção mais precisa, de um trabalho intenso com profissionais de áreas afins. (PEREIRA, 2009, p. 52)

Dessa forma entendemos que a escola precisa realizar um trabalho que envolva parcerias entre família, profissionais da saúde bem com da educação, para “combater” o fenômeno do bullying.

1.1. Manifestações comportamentais do bullying

Cada ser humano é único com suas especificidades. As pessoas que praticam o bullying apresentam formas comportamentais distintas como a direta e a indireta. A forma direta é constituída pelas agressões físicas como bater, tomar pertences, empurrar. Já a forma indireta está inserida agressão verbal (pôr apelidos ou insultar) e ainda existe outra forma comportamental que é a psicológica (amedrontar, intimidar, fazer gozações, constranger e fazer acusações injustas, ridicularizar ou infernizar a vida dos outros).

O bullying também se manifesta na forma sexual como abusar, violentar, assediar, insinuar, entre outros. As vítimas não relatam o acontecido por medo de represálias e das ameaças que o agressor faz. Temos ainda o bullying virtual (ciberbullying), o mesmo é praticado através de e-mail, msn, Orkut, blogs, facebook, entre outros veículos utilizados na rede de relacionamentos pela internet. O usuário muitas vezes é vítima deste tipo de bullying, o que prejudica muito sua imagem ou reputação, uma vez que expõe para população que acessa tal rede. Isto causa sofrimento e transtorno psicológico irreparável para a vítima assim como para as pessoas próximas a ela.

Segundo Pereira (2009), baseado em estudiosos sobre o tema destacou que pesquisas realizadas em escolas da Europa e do Brasil, entre os anos de 2000 e

2004 constataram que os meninos se envolveram mais que as meninas em situações de bullying/agressividade, sendo que os meninos preferem a forma de agressões diretas, já as meninas preferem as formas indiretas.

Por portar um físico mais forte, os garotos, na maioria das vezes, intimidam suas vítimas com chantagens e/ou agressões físicas, transformando a vida destes em um martírio ou pesadelo. Algumas vítimas procuram ajuda de profissionais para que sua autoestima não seja comprometida. Já outros, guardam para si, todo o sofrimento vivenciado o que gera traumas irreparáveis, transformando-os em adultos depressivos ou agressivos. Há ainda os que desenvolvem transtornos psiquiátricos sérios como medo, depressão, bulimia, ansiedade, compulsão, anorexia, psicoses, dentre outros.

Na maioria das vezes estas pessoas vão desencadeando um pensamento de vingança e mentalmente arquitetam planos para pôr um fim em seu sofrimento. De repente chegam a vingar-se por todo sofrimento que viveram e terminam exterminando, na maioria das vezes, pessoas inocentes. Em seguida, praticam suicídio. Diante de situações como estas, resta-nos perguntar: Quem é o verdadeiro culpado? Quem foi ou foram a(s) vítima(s)? Por que isto aconteceu? Como poderia ter sido evitado? Porém para estas indagações ainda não há respostas.

A sociedade deve perceber que o bullying é uma forma de comportamento abusivo, que entra na vida das pessoas, às vezes de maneira banal e imperceptível aos nossos olhos, e que quando nos deparamos somos responsáveis por tamanha gravidade, pois em muitos casos ele ocorre através de uma simples brincadeira ou de um ato impensado.

O bullying não é praticado ou vivenciado somente nas escolas pelos alunos. Em algumas situações o professor tanto pode ser vítima como também pode ser o agressor. Por exemplo, em casos quando o educador não demonstra muita empatia por determinado aluno, ele acaba de certa forma gerando conflitos e até incitando a violência. Em outros casos quando o professor “protege” determinado aluno e ignora os demais sem dar-lhes atenção. Já no caso em que os professores são as vítimas, estes são ameaçados, apelidados ou até mesmo agredidos, por muitas vezes eles também ocultam o fato por medo de serem rotulados como incompetentes ou sem

autonomia. Casos como estes, ocorrem mais em instituições privadas, devido o aluno ser aceito como cliente e o educador como empregado.

Acreditamos que as instituições, bem como os representantes legais da Nação precisam investir em políticas públicas que trabalhe esta problemática para que a mídia não destaque casos com finais trágicos com pessoas envolvidas em bullying.

1.2 Parceiros do combate ao bullying

A escola é um espaço de aprendizado e também de socialização formada por seres humanos que apresentam comportamentos distintos. E assim é neste espaço que ocorrem as práticas saudáveis e nocivas, como os casos de indisciplina e bullying, os mesmos causam vários transtornos no recinto escolar como: xingamentos, agressões físicas e/ou verbais, dentre outros.

Para combater e/ou minimizar esses problemas se faz necessário que a escola encontre parcerias junto a toda comunidade escolar e sociedade de modo geral no intuito de encontrar soluções que possam sanar tais problemas. Uma parceria relevante ao combate é a participação ativa da família, visto que o educando tem um contato bem mais abrangente no cotidiano, pois como enfatiza Chalita (2008, p. 179), “quando as relações familiares são adequadas à participação e à convivência, as chances de os filhos terem um bom convívio social fora de casa são maiores”.

Outra parceria de combate que pode dar uma significativa contribuição é a comunidade local, na pessoa do representante do Conselho escolar. Este órgão pode sugerir contribuir e participar ativamente deste combate. Podemos contar também com o Conselho Tutelar o mesmo apoia, orienta e em alguns casos, interveem legalmente na tentativa de solucionar o problema. Este órgão tem o dever de cobrar dos pais ou responsáveis todas as responsabilidades que devem ter com o filho/a/s, ou seja, com o/a/s educando/a/s.

Conforme Tiba (2006, p. 158) “o bullying só é interrompido pela interferência de pessoas que tenham autoridade sobre seus praticantes”. Essa autoridade mencionada, não é exercida através da força física, e sim através do diálogo, da comunicação, pois como ressalva Chalita (2008, p. 191) “A comunicação é o elemento humanizador que aproxima as pessoas, cria identificação e cumplicidade, clarifica as semelhanças e esclarece as diferenças”.

Seguindo ainda na compreensão desse autor, vai além quando menciona que: “por meio do diálogo, as pessoas aprendem sobre as outras. Aprendem a compreender e a ser compreendidas, a confiar e a se tornarem confiáveis. A escola precisa de professores e alunos confiáveis”. (CHALITA, 2008, p.192).

Deste modo, compreendemos que para combater o bullying e a indisciplina no ambiente escolar, a escola necessita de um gerenciamento bastante eficiente que priorize a prática democrática, visto que o gestor é antes de tudo um líder, que desempenha suas funções visando o trabalho participativo o qual mobiliza todos os segmentos ligados direta ou indiretamente como família, comunidade, Gerência Regional de Educação, entidades, bem como o educando, elemento principal para que tudo isto exista enfatizando que sem ele, jamais haveria os outros membros mencionados.

No capítulo seguinte iremos abordar formas de identificação do bullying no ambiente escolar, sua prevenção a esta violência e como as escolas reagem e confronta este problema.

CAPÍTULO 2

2. O BULLYING NO ESPAÇO ESCOLAR

O bullying é uma prática abusiva e camuflada, que ocorre principalmente no ambiente escolar, por parte de quem pratica o ato e muitas vezes pela pessoa agredida. Porém existe outro participante deste ato chamado expectador. Ele presencia agressões ou conhece alunos que são agredidos, mas não toma nenhuma posição, nem a favor nem contra. Para alguns estudiosos esta pessoa é tão culpada quanto os agressores devido à omissão dos fatos. E esta atitude do expectador se faz bastante presente nas escolas, já que muitos agressores intimidam seus colegas verbalmente e/ou até fisicamente.

Na maioria das vezes o agressor ameaça a vítima, caso ela exponha seu sofrimento. A estudiosa Cleo Fante (2011, p. 49) relata que “é comum que a vítima não conte para os professores e para os pais o que lhe acontece na escola”. Isto ocorre porque a pessoa se sente ameaçada, uma vez que boa parte de sua vida é no ambiente escolar e caso relate, as agressões poderão ocorrer com mais intensidade. Geralmente o bullying é praticado por indivíduos considerados “fortes” diante dos mais “frágeis”.

O que prevalece em sua maioria e que o agressor consegue fazer com que os outros alunos unam-se a ele, gerando grupos ou gangues. A pessoa escolhida, ou seja, a vítima, geralmente foge dos padrões “normais” como aparência física, forma de se vestir e em muitos casos por ser o melhor da turma, o que causa rivalidade diante dos outros. Segundo Pereira

O bullying tem como principal característica de ser uma manifestação desigual de poder, a qual a vítima não consegue se defender com facilidade, nem tampouco buscar ajuda, porque em alguns casos ou ela tem medo de represálias ou às vezes, o adulto não dá a devida atenção para o problema relatado pela criança deixando-a exposta ainda mais ao agressor. (PEREIRA, 2009, p. 42-43)

Diante desta atitude por parte do adulto, a criança desenvolve sequelas as quais prejudicarão sua autoestima, e em muitos casos, por toda vida, como exemplo, não gostar da escola, bem como não querer mais frequentar, isolar-se por recear que todos passem a tratá-la de forma semelhante. Desenvolverá pensamentos negativos e pessimistas para com ela e com os outros, enfim, não acreditará que o ser humano é bom e pode contribuir para a construção de um mundo melhor e mais humanitário.

Desta forma, a escola deve oferecer a esta criança um espaço solidário e estimulador e que não apenas transmita conhecimentos, mas que valorize cada ser, ali existente. Segundo Pereira (2009, p. 43), ressalta que alguns estudiosos como Carvalhosa, Lima e Matos (2001), Debarbieux e Blaya (2002), Pereira (2002), Fante (2005) e Lopes Neto (2005) acreditam que as pessoas praticantes de bullying pertencem a famílias desestruturadas. Porém tal, comportamento não há somente neste tipo de classe social, uma vez que existem bullies, pertencentes a famílias bem estruturadas e que desenvolvem comportamentos agressivos.

E segundo alguns autores, essas pessoas sentem prazer em ofender ou agredir o seu semelhante, pois os tornam superiores aos demais. Eles acham que agindo assim serão mais “respeitados e valorizados” na instituição. Outros, ainda, praticam o bullying, porque também são vítimas e como atitude de defesa ou vingança termina retribuindo do mesmo modo.

2.1 Como identificar o bullying no ambiente escolar?

Os educadores precisam, através do estudo, descobrir estratégias ou formas educativas que excluam a punição e elevem a autoestima dos seus alunos. O incentivo é uma forma positiva de tratamento dado aos alunos, pois desperta neles a confiança de que são importantes e que têm seus valores. Pereira *apud* Royer (2009, p. 5), escreveu: “um simples ‘parabéns’ como aprovação dada ao aluno pelo professor, contribui para o aumento da autoestima”. Também dar atenção aos comportamentos positivos, já foi constatado ser adequado e bastante eficaz.

E como detectar que uma criança está sendo vítima de bullying? Para Fante (2011). Para que um aluno possa ser identificado como vítima

Os professores devem observar se ele apresenta alguns comportamentos como: ficar sempre isolado na hora do recreio ou procura ficar perto do professor ou de um adulto; tem dificuldade de falar diante dos outros alunos e fica ansioso e inseguro; mostra-se contrariado, deprimido, triste ou aflito; não é organizado diante das tarefas feitas; perde constantemente seus pertences; regularmente falta às aulas; às vezes apresenta ferimentos, contusões ou está com roupas rasgadas. (FANTE, 2011, p.74-75)

E por que tudo isto passa despercebido? Em alguns casos, deve ser porque o professor preocupa-se simplesmente em transmitir seus conhecimentos e não demonstra muita afetividade com seus alunos.

Porém o educador, além de exercer seu papel deverá demonstrar laços de amizade e respeito com seus educandos, demonstrando que antes de ser educador também é um ser humano e que sabe transmitir confiança, afeto e carinho caso eles necessitem. Já por outro lado, a ausência de percepção ocorre devido o aluno sentir-se envergonhado por estar sofrendo gozações ou até apanhando. Ele sente medo e não tem coragem de contar para um adulto, por achar que as agressões possam aumentar.

Para os pais das pessoas vítimas de bullying, alguns especialistas recomendam que eles procurem elevar a autoestima dos seus/suas filhos/filhas, fazendo-os perceber suas qualidades e capacidades evitando não culpa-los pelo que lhe está acontecendo tão pouco incentivem a revidar aos ataques sofridos, para que não transforme na lei do “olho por olho, dente por dente”, tendo em vista que desta forma, a violência só aumentaria.

2.2 Consequências do bullying na escola

Devido à gravidade do problema vivido pela pessoa que está sendo alvo de bullying, os problemas por muitas vezes chega a ser irreparáveis, já que o bullying pode causar prejuízos às vítimas como o de construir família, ingressar no campo de

trabalho, perda no rendimento escolar, comprometimento na saúde física e mental. Poderá ainda desenvolver fobia social e complicações emocionais.

Essas pessoas acabam por precisar de ajuda de alguns profissionais da saúde, bem como da família e da escola para que aprendam a superar seus medos. Sabemos que nem todos conseguem, e essa não superação como relata Fante (2011, p. 79)

Pode acarretar danos no psiquismo, gerando sentimentos negativos e pensamentos de vingança, baixo autoestima, dificuldades de aprendizado, transtornos mentais e psicossomáticos, transformando-o em um adulto com dificuldades de relacionamentos e com outros graves problemas, ou ainda praticar o bullying no seu local de trabalho, posteriormente.

Em seguida a autora nos apresenta que dependendo da intensidade do sofrimento vivido a vítima poderá desenvolver ações adversas como

Enurese, taquicardia, sudorese, insônia, cefaleia, dor epigástrica, bloqueio dos pensamentos e do raciocínio, ansiedade, estresse e depressão, pensamentos de vingança e de suicídio, agressividade, impulsividade, hiperatividade, abuso de substâncias químicas. (Fante, p. 80).

Diante de tantas sequelas irreparáveis, a sociedade (família, escola, profissionais da saúde) precisa encontrar soluções para combater ou minimizar essa prática abusiva e prejudicial, em qualquer ambiente, seja escolar, familiar ou social. Estas soluções devem ser encontradas através de conhecimentos, e para isto se faz necessário busca-los.

A sociedade sempre ouve, através de noticiários, casos de violência envolvendo o bullying, no entanto, muito pouco se busca ou fala em meios para sanar tal problema. Para muitos estes casos são isolados e não merecem tanta atenção.

Porém, segundo Silva (2010, p. 173), “a luta antibullying deve ser iniciada desde muito cedo, já nos primeiros anos de escolarização”. Nessa fase da vida, as crianças estão em processo de construção de ideias, formação de valores e serão

capazes de assimilar seus conhecimentos, transformando-as em multiplicadoras, capazes de educar seus familiares e demais educadores. E neste cenário educativo da família e da escola encontram-se os valores como solidariedade, respeito às diferenças, à tolerância, cooperação, justiça, dignidade, amizade e amor ao próximo.

2.3 Como prevenir a violência na escola e na sociedade?

Atualmente tem-se falado com certa frequência em violência familiar bem como escolar. Sendo assim, a preocupação em encontrar meios que favoreçam para que esta prática seja minimizada e/ou abolida cresce cotidianamente. Segundo Tiba (2006, p. 159),

A violência é uma semente colocada na criança pela própria família ou pela sociedade. Se ela encontrar terreno fértil dentro de casa, se tornará uma planta rebelde na escola, expandindo-se depois em direção à sociedade.

Se esta violência é gerada em casa, resta-nos indagar: O que fazer enquanto cidadão, educador e/ou representante da sociedade para solucionar tal problemática? E quanto às famílias, o que poderá ser feito para reverter tal situação?

Para estes questionamentos talvez não tenhamos uma resposta concreta, porém, os representantes da sociedade têm que criar políticas públicas as quais ofereçam programas educativos que apresentem conhecimentos e valores primordiais para uma vivência digna e pacífica, mostrando que a violência gera uma série de problemas pessoais e profissionais. Sem contar que compromete o ambiente escolar afetando o ensino-aprendizagem e a indisciplina. De acordo com Chalita (2008, p. 168),

A violência que invade ou nasce no espaço familiar se expande para todos os outros segmentos da sociedade como uma teia de relações destrutivas que se reproduz e contamina os ambientes e as pessoas.

Esta violência acompanhará a criança em todos os ambientes que ela frequentar, principalmente a escola já que ela se sente no direito de destratar ou agredir colegas e professores, devido à mesma achar que através da violência se pode vencer qualquer obstáculo. Muitas vezes a criança que pratica o bullying desconhece tamanha gravidade pelo ato cometido por conviver cotidianamente com a violência. Ela pratica de forma natural e espontânea visto que aprende aquilo que vivência.

Uma estratégia para minimizar ou erradicar essa violência que é bullying na escola deve partir da adoção de projetos aos quais ressaltem conhecimentos direcionados para valores humanos como: respeito às diferenças, convivência, solidariedade, companheirismo, dentre outros, e que estes possam envolver família, escola e sociedade. Para Fante (2011, p. 92), menciona que

Sensibilizar e envolver toda a comunidade escolar na luta pela redução do comportamento bullying, torna-se tarefa imprescindível, uma vez que o fenômeno é complexo, de difícil identificação, manifestando-se de maneira sutil e velada, e por garantir uma propagação através da imposição da lei do silêncio.

Seguindo esta linha de raciocínio, a escola, por ser um espaço reprodutor de conhecimentos tem um papel primordial no combate ao bullying, já que desempenha não apenas a função social de transmitir conhecimentos, mas sim um papel de acolhimento que respeita e trata a todos por igual indistintamente.

Envolver toda sociedade no combate ou na minimização do bullying é imprescindível, visto que sua complexidade compromete não somente o aprendizado da pessoa agredida e sim sua vida como um todo já que as consequências, na maioria das vezes são irreversíveis pelo fato de o bullying agir sorrateiramente e imperceptível. Segundo Fante (2011) afirma que

A prevenção ao bullying deve começar pela capacitação dos profissionais de educação, a fim de que saibam identificar, distinguir e diagnosticar o

fenômeno, bem como conhecer as respectivas estratégias de intervenção e de prevenção hoje disponíveis. (FANTE, 2011, p.92)

Alguns estudiosos vêm desenvolvendo projetos voltados para a prática e a vivência de valores como a ética, a moral e a cidadania os quais visam à redução da violência doméstica e escolar. Partilhamos a ideia da autora quando afirma que “para alcançarmos êxito na redução da violência, precisamos, primeiramente conquista-la na escola” (FANTE, 2011, p. 209).

Alguns valores como tolerância e solidariedade são almejados pela sociedade, pois eles são elementos primordiais para a construção da paz, já que “a violência pode ser desaparecida e a tolerância e a solidariedade ensinadas” (FANTE, 2011, p. 93). Tais medidas ajudarão a criança a conviver e reconstruir um mundo melhor. Estas atitudes de mudança deverão ser desenvolvidas pela escola na qual o diálogo e o respeito sejam vivenciados, valorizados e assumidos por todos os envolvidos no processo educacional. Silva (2010, p. 51-52) ressalva que

Torna-se possível elaborar estratégias escolares e sociais que possam ajudar a recuperar os jovens que se comportem de maneira agressiva e violenta, em função de circunstâncias desfavoráveis nas quais estejam envolvidos (lares desestruturados, doenças familiares graves, pais excessivamente permissivos, etc).

A autora vai além e diz que “tais jovens, mesmo com atitudes erradas, merecem nossa ajuda e precisam dela, pois sofrem com seus atos e suas respectivas consequências”. (SILVA, 2010, p.52). Sabemos que muitos desses jovens possuem ou já possuíram boa índole, porém desenvolveram práticas erradas, transformando-se em delinquentes e estão esperando que alguém os resgate e ofereça ajuda para mudarem suas vidas e voltar ao convívio social de harmonia e paz, no qual o valor primordial seja o respeito e amor ao próximo.

Esses valores devem e/ou deveriam ser praticados ou aprendidos no ambiente familiar, todavia a ausência dos responsáveis, na maioria das vezes por estarem envolvidos com o trabalho ou até por negligência, passam a

responsabilidade para outras pessoas ou para a escola. Segundo Chalita (2008, p. 195) relata,

Que os pais cobram da escola. A escola responsabiliza os pais. A sociedade exige que a escola professe valores de solidariedade e respeito ao próximo que ela mesma ignora. É ingênuo acreditar que um único segmento seja capaz de, isoladamente, erradicar a violência.

O que podemos perceber diante disto é que nenhum segmento assume sua responsabilidade pelo fracasso já que todos tentam encontrar um culpado. Desta forma se faz necessário que a sociedade em geral se una em prol de um mesmo objetivo, o de minimizar a violência dentro da instituição escolar e isto será possível através do resgate e da vivência de valores. Basta inseri-los no nosso cotidiano, na vivência enquanto família ou enquanto educador.

A qualidade da educação inclui cuidados e responsabilidades com nossas crianças e com nossos jovens que estão vulneráveis à violência e esta ação não pode ficar fora do Projeto Político Pedagógico da escola. Cabe à instituição elaborar um projeto em consonância com a realidade, que possa inserir todos os alunos: agressores, vítimas e espectadores da violência, uma vez que todos fazem parte do mesmo ambiente. Chalita (2008, p. 213) vai além e diz:

É preciso construir coletivamente uma ação que fortaleça o conceito de respeito e de amizade entre os integrantes do processo educativo. A escola tem de ser um espaço acolhedor em que as relações de amizade sejam construídas como um exercício para a vida. A ética, o respeito, o cuidado com o outro plantados na escola e na família terão o poder de fazer florescer a cidadania num outro jardim.

É do nosso conhecimento que a escola e a família, são responsáveis pelas ações educativas, e sendo assim, devem realizar um trabalho de parceria, nos quais agreguem valores primordiais ao ser humano como a ética, cidadania, respeito ao próximo e às diferenças, dentre outros que torne o cidadão uma pessoa de bem. Já que o conhecimento e a prática destes valores contribuem para uma convivência harmoniosa e sem conflitos em qualquer recinto.

2.4 A escola e o confronto ao bullying

Combater o bullying no ambiente escolar pode não ser uma tarefa fácil, porém não significa impossível. Diante disto se faz necessário que toda comunidade esteja unida e preparada para este confronto. Sabemos que o bullying não é um problema restrito apenas a algumas escolas, já que ele é praticado em todos os ambientes escolares, iniciando muitas vezes no próprio ambiente familiar. É do nosso conhecimento também que esta prática é causadora de vários problemas ou conflitos perante os efeitos deixados, muitas vezes, para sempre na vida das vítimas de bullying.

Silva (2010, p. 156), menciona que o fenômeno “interfere drasticamente no processo de aprendizagem e de socialização de crianças e de jovens”. Este relato mostra que as consequências deixadas se proliferam por toda existência em virtude das experiências traumáticas difíceis de serem esquecidas ou eliminadas da memória.

Um fator de grande relevância para combater o problema é identificar e assumir sua existência, que segundo Silva (2010, p. 118), “a omissão do fato, torna-se danosa para todos, pois dificulta e até impossibilita as ações de prevenção que poderiam impedir o aumento do problema”. Outra forma de combate, apresentada pela autora “É que os profissionais da educação, de saúde mental, de assistência social, da área do Direito devem adquirir o máximo de conhecimento sobre o assunto”. (SILVA, 2010, p. 156). E dessa forma cada profissional ao se deparar com o problema, pode contribuir com a escola e mostrar soluções eficazes para cada caso.

Partilhamos da ideia de Fante (2011, p. 106) quando autora menciona que,

Proporcionar à comunidade escolar a refletir sobre sua própria realidade é dar-lhe o direito de exercer a cidadania, a democracia e a criatividade na busca de soluções para seus próprios problemas, vivenciando valores existentes no comportamento dos educandos.

A vivência da cidadania possibilita o ser humano interagir de forma dinâmica e educativa em todos os segmentos no qual ele está inserido já que é um processo que se constitui cotidianamente através do respeito à diversidade. A escola é um espaço privilegiado para oferecer já que a criança convive com a complexidade, diversidade, sentimentos, emoções, valores individuais, entre outros. A autora Fante 2011 (p. 134) ainda vai além quando menciona que

O estudo de uma situação-problema enfrentado por alguns integrantes do grupo possibilita aos alunos, a busca de decisões conjuntas, o respeito mútuo, o compromisso na solução e na elaboração de projetos coletivos e o estabelecimento de relações de reciprocidade.

Seguindo a linha de pensamento de Fante (2011), em referência à reciprocidade, ela ainda possibilita a aprendizagem de valores como tolerância, solidariedade e agrega horizontes para a aprendizagem de outros valores. E, se tratando de valores, estes foram se perdendo no decorrer dos tempos e da modernidade, visto que atualmente as famílias, muitas vezes preocupadas em dar o melhor para seus filhos, dedicam maior tempo ao trabalho e acabam esquecendo que os mesmos, necessitam da presença humana, do carinho e não somente de bens materiais.

Esta preocupação excessiva de trabalho compromete a assistência que eles deveriam dar aos filhos, principalmente em relação à educação comprometendo não somente o ensino-aprendizagem, mas, sobretudo na disciplina e comportamento de alguns educandos o que faz gerar conflitos e mau comportamento por alguns alunos. Segundo Chalita (2008, p. 97)

O compromisso de educar, na escola, na família ou em qualquer ambiente de convivência, além de ético pela natureza da ação, precisa ser afetuoso para acolher agressores, vítimas e espectadores, caso contrário será reprodutor da intolerância.

O autor mostra-nos que não basta livrarmos do agressor, mas daquilo que o agride, que o prejudica e o oprime. Dessa forma, utilizaremos a prática da tolerância,

ação esta, que a maioria de nossos educandos desconhece, já que eles utilizam intensamente a agressividade no cotidiano. Muitas vezes se agredem verbalmente e até fisicamente por coisas banais o que comprova a falta de conhecimento e/ou a vivência da tolerância.

Para isto basta nos aproximarmos do agressor e realizarmos algumas indagações como: que motivo o faz praticar tal ato se somos humanos, imagem e semelhança de Deus? Como se sentiria caso os papéis se revertissem? Gostaria que as pessoas agissem dessa mesma forma com pessoas próximas a você? E prossegue realizando outros argumentos os quais objetivem ao agressor, a percepção de que tais atitudes contribuem para a infelicidade das pessoas agredidas e o torna um ser sem amor ao próximo.

Segundo Tiba (2006, p. 158) “O enfrentamento do bullying, além de ser uma medida disciplinar, também é um gesto cidadão bastante educativo, pois prepara os alunos para a aceitação, o respeito e a convivência com as diferenças”. Esta convivência educa o indivíduo e faz perceber que todos somos seres humanos dotados por inúmeras diferenças, qualidades, defeitos, inteligência e sendo assim, somos obrigados a convivermos socialmente. Respeitar o próximo, além de ser um ato cristão, é também humano, devido ele ser dotado de inteligência e sabedoria.

Para Silva (2010, p. 118), “A boa escola não é aquela onde o bullying não ocorra, mas sim aquela que, diante da existência, sabe enfrenta-lo com coragem e determinação”. Acreditamos que praticamente todas as escolas vivenciam este fenômeno. Para tanto, é preciso engajamento dos integrantes da instituição e juntos, possamos encontrar soluções nas quais objetivem a diminuição ou erradicação deste fenômeno. Já para Pereira (2009, p. 60),

A escola precisa voltar a assumir seu papel de ambiente acolhedor, pacífico e de aprendizagem. E que a família precisa estar mais presente na vida das crianças e jovens, proporcionando um ambiente tranquilo e seguro, com exemplos reais de vida, gerando cidadãos saudáveis em todos os sentidos.

Embora a família tenha um papel primordial na educação de seus filhos, visto que é a primeira instituição que educa, ela precisa ser atuante, participativa e

conhecedora da vida escolar, se fazendo presente e acompanhando o progresso ou o fracasso, cobrando mais da escola e dando sua contribuição quando solicitada.

Quanto à escola, cabe acolher estas pessoas e transmitir o que há de melhor, oferecendo sempre uma educação de qualidade, um ambiente agradável e acolhedor, onde o respeito e a igualdade torne-se realidade. Somente através da educação podemos formar uma sociedade mais justa e igualitária, uma vez que a educação não se faz sozinha e sim através de parcerias.

Em nosso último capítulo iremos tratar das práticas e da convivência do bullying na Escola Gama e Melo, bem como dos alunos que sofrem e/ou pratica esse fenômeno no cotidiano escolar.

CAPÍTULO 3

1. A PRÁTICA DO BULLYING NA ESCOLA ESTADUAL GAMA E MELO

A Escola Estadual de Ensino Fundamental Normal Médio Gama e Melo localiza-se na Avenida Presidente João Pessoa, 460 no Centro de Princesa Isabel-PB a 450 km da capital paraibana, João Pessoa. A escola atende a uma clientela em sua maioria de baixa renda, filhos de agricultores. Os trabalhos escolares estão distribuídos nos três turnos divididos da seguinte forma: segunda fase do Ensino Fundamental (6º ao 8º anos) nos turnos matutino e vespertino, o Ensino Médio na modalidade Normal no turno noturno, com apenas a turma do 4º ano Normal. Abaixo uma fotografia da Escola Gama e Melo.

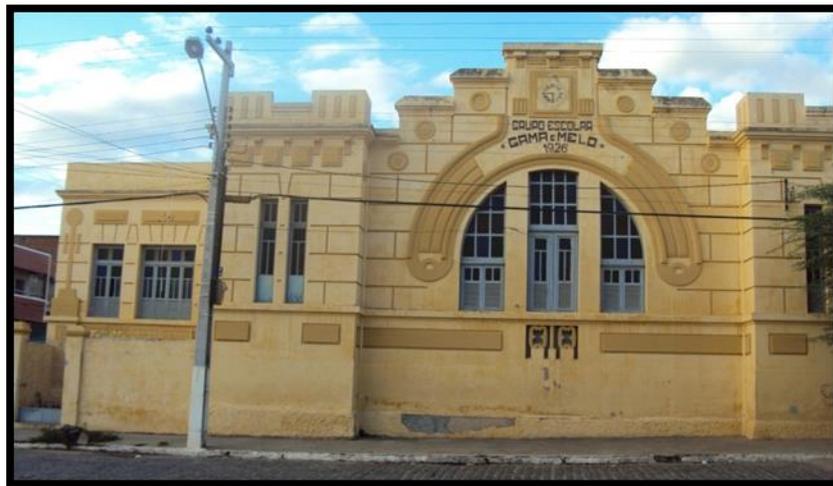


Foto 01 Imagem externa da Escola Gama e Melo. **Fonte:** Autora – 09 Jun. 2014.

A Escola Estadual de Ensino Fundamental Médio Gama e Melo não é diferente das demais, em relação à questão do bullying. Para conhecer a real situação desta prática em nossa escola, utilizamos de questionários na qual foi respondido por alunos dos 7º e 8º anos do ensino fundamental dos turnos matutino e vespertino que atende uma clientela com faixa etária entre onze (11) e quinze (15) anos de idade. No questionário, continham alternativas objetivas e subjetivas em

que os alunos respondiam e em seguida justificavam, opinavam suas respostas assim como sugeriam quando necessitavam. Observamos abaixo as questões contidas no questionário, aplicados com os alunos:

Questões para os alunos dos 7º e 8º anos responderem
1. Você já conhecia o significado da palavra bullying? () Sim () Não Em caso afirmativo, justifique sua resposta.
2. Você já praticou o bullying alguma vez no ambiente escolar ou fora dele? () Sim () Não Em caso afirmativo, justifique sua resposta.
3. Você conhece pessoas que praticam o bullying? () Sim () Não Em caso afirmativo, marcar: () Várias () poucas
4. Em que espaço físico da escola, esta prática ocorre com maior frequência?
5. Como reage a vítima do bullying?
6. E você, que motivo apresenta para desenvolver este ato?
7. Você considera esta prática uma forma de violência? Por quê?
8. Que atitude a escola toma diante deste fato?
9. E você, o que pode fazer para mudar de atitude, bem como, conquistar seu colega a não praticar o mesmo ato seu?
10. Em se tratando do ensino-aprendizagem, você acha que isto contribui para o não aprendizado da pessoa agredida, ou seja, da vítima?
11. Que sugestões você poderia dar para minimizar ou abolir esta prática em nossa escola?

Quanto às respostas apresentadas em relação ao conhecimento da palavra bullying, mais de noventa por cento (90%) dos nossos discentes conhecem, todavia, aproximadamente oitenta por cento (80%) já praticaram e/ou praticam o fenômeno. A maioria justificou a realização desta prática agressiva, pelo motivo de revidar agressão, ou seja, retribui da mesma forma a agressividade ao outro. Já uma minoria alegou que faz por vontade própria, para rir da “cara” deles.

Esta prática encontra-se mais perceptível na forma direta já que nossos educandos se agredem verbalmente com bastante frequência, bem como destroem pertences de seus colegas. Nesses casos, em algumas vezes a direção dialoga com os envolvidos e em outras age de certa forma com punições, mandando chamar os pais e/ou responsáveis para comunicar o fato ocorrido e também para solicitar auxílio na resolução do problema.

Em relação à retribuição das agressões isto é uma atitude preocupante já que a violência gera violência. Diante disto, a escola deve trabalhar para que o alunado não resolva por conta própria, porque agindo dessa forma o conflito só agrava ou piora. A escola, enquanto entidade, educativa deve desenvolver atividades e/ou projetos que envolvam a convivência e o respeito com o próximo já que existem políticas públicas preocupadas com os direitos humanos. Neste sentido, Miranda (2011, p.19), diz que

O primeiro passo é sensibilizar os educandos para formas de convivência baseadas na solidariedade, na tolerância e no respeito às diferenças, objetivando não apenas evitar a violência nas suas mais variadas manifestações, mas realmente promover a vivência de valores essenciais para a formação de cidadãos pacíficos e conscientes de sua responsabilidade social.

A questão de trabalhar valores é referendada por vários autores que retratam esta temática, devido ser este uma prática extinta na sociedade, já que muitas famílias não vivenciam e/ou desconhecem. Sabemos que a desestrutura familiar é procedente pela não vivência de valores, principalmente pela falta de hierarquia familiar, onde todos, desde as crianças, até os adultos fazem o que querem sem que necessitem justificar-se para alguém. A inexistência desta autoridade gera conflitos no âmbito escolar, de modo que nos deparamos com alunos agressivos, rebeldes e indisciplinados e que não respeitam ninguém.

Outra questão que talvez, nos causou impressão, é que esta prática, na maioria das vezes acontece dentro da sala de aula. E por muitas vezes o educador presencia. Sendo assim resta-nos indagar: Que atitude nós enquanto educadores, podemos tomar para solucionar ou subtrair esta problemática? Como devemos proceder ou agir?

Para Pereira (2009, p. 74) diz que “É preciso estabelecer diálogo entre escola e família, para juntos buscarem soluções cabíveis”. Além dessa parceria escola/família, a instituição escolar deveria contar com ajuda de outros profissionais como supervisores, coordenadores pedagógicos, psicólogos e demais pessoas vinculadas à educação para que tentem sanar tais dificuldades.

Sabemos que trabalhar com esta temática requer conhecimento e também que não é fácil, uma vez que abrange a questão de respeito e valores e estas práticas não estão sendo vivenciadas e/ou ensinadas às nossas

crianças/adolescentes no cotidiano familiar. Todavia, a escola deve fazer valer seu papel de entidade educadora, dessa forma necessita desenvolver metodologias que resgatem a vivência destes valores.

Silva (2010, p. 57) diz que “Cabe à sociedade, transmitir às novas gerações valores e modelos educacionais nos quais os jovens possam pautar sua caminhada rumo à sua vida adulta de cidadão ético e responsável”. Contudo, esta questão de valores é ambígua já que talvez o que nós consideramos importante e imprescindível aos alunos, não sejam essenciais para muitos pais e/ou responsáveis.

Nos últimos anos a maior preocupação dos educadores não é a transmissão de conhecimentos e sim, a convivência harmoniosa em sala de aula, uma vez que a indisciplina tornou-se um problema constante devido à agressividade física e verbal ocorrer cotidianamente.

Em nossa escola esta prática é muito comum, devido nós atendermos uma clientela carente em quase todos os segmentos sociais, sejam eles financeiros, afetivos, intelectuais.

Quanto ao campo intelectual, ou seja, a parte educativa é quase que, em sua totalidade, de responsabilidade da escola, pelo fato de muitos pais não cobrarem e nem acompanharem o progresso de seus filhos, tão pouco se preocuparem com seus comportamentos dentro da instituição. Dessa forma a escola deve buscar e/ou encontrar subsídios para que a violência e o bullying não dominem a instituição e comprometam o aprendizado dos mesmos.

A educadora e psicóloga, Cleo Fante (2011, p.105), diz que “A escola deve informar aos pais que agirá contra qualquer tipo de violência e deve estimular os pais para que adotem o mesmo lema em suas casas”. Porém esta violência praticada na escola é referência do que se vive em casa, devido ela está muito presente.

Em conversas paralelas entre os próprios educandos, da Escola Gama e Melo percebemos que é comum ouvirmos diálogos referentes a comportamentos violentos que envolvem situações familiares o que nos faz indagar: como poderemos buscar parceria com as famílias para que juntos possamos abrandar a violência, se estas também praticam? A escola sozinha é capaz de solucionar tal problema, já que enquanto uma constrói a outra desconstrói? Esta preocupação é uma constante em nossas vidas, uma vez que estamos inseridos no processo educacional, e que,

de forma direta, este problema afeta não somente nosso emocional, mas também o intelectual.

3.1 Como reagem às crianças/adolescentes que sofrem o bullying?

É muito comum as vítimas reagirem ao bullying de forma agressiva. Porém a maioria dos educandos que responderam aos questionamentos relatou que a vítima não reage fisicamente, apenas chora e fica com medo de falar, pois tem receio que as agressões passem a ocorrer com maior frequência.

A ocultação desta problemática é grave, porque o medo e a insegurança comprometem de maneira drástica o aprendizado e a autoestima da pessoa agredida o que futuramente pode se transformar em fobias, enfermidades, sentimentos de vingança ou até mesmo suicídio. Já outros, responderam que reagem verbalmente e fisicamente, justificando que se os outros agredem e/ou “xingam”, eles também têm o direito de agir da mesma forma.

As reações comportamentais diversas ocorrem, pelo fato de cada ser humano ser único e especial apresentando habilidades e dificuldades. Quando a reação agressiva incide, expande a violência escolar bem como a indisciplina permeia na instituição. Entretanto, quando ela é incutida a vítima apresenta vários distúrbios ou sintomas que comprometem o seu psiquismo, suas emoções e seu intelectual.

Dessa forma, a escola deve buscar subsídios para solucionar tal problema, procurando parceria com entidades sociais e familiares, já que desempenhar um trabalho de parceria, transforma a instituição em um espaço verdadeiramente democrático no qual prima pela formação cidadã e ética de cada indivíduo. Pois como menciona Pereira (2009, p. 81), “Para combater este mal é necessário que haja conscientização, investimento, compromisso e responsabilidade, tanto por parte da escola, como da família”.

O bullying é reconhecido pelos próprios alunos como uma prática violenta que traumatiza e causa depressão. E é de nosso conhecimento que este problema se faz presente em todas as escolas, umas em maior e outras em menor proporção. Por isso não devemos generalizar que a violência ocorre somente em determinada

escola ou ainda, na sala daquela professora. Precisamos professar atitudes não violentas em nossas práticas para que toda comunidade escolar seja beneficiada.

Cleo Fante (2011) menciona que para combater problemas de violência ou de má convivência entre os alunos se faz necessário à criação de regras e/ou normas amparadas em valores os quais reflitam em condutas concretas para vivência do cotidiano. E estas normas por sua vez devem estar em consonância com o Regimento Interno da Escola.

Sabemos que regras devem existir em qualquer instituição, já que vivemos em uma hierarquia, onde todas as pessoas inseridas no processo necessitam de respeito. E para que as mesmas possam ser verdadeiramente cumpridas, todas as pessoas inseridas na instituição devem colaborar no cumprimento dessas normas e não pensar que este papel é apenas da gestão e/ou ainda tão somente dos educadores, visto que a repartição não é formada apenas por este grupo, ou seja, cada membro tem a mesma responsabilidade e o mesmo comprometimento.

Referindo-se à instituição escolar, foi perguntado no questionário “que atitude a escola toma diante deste fato (bullying)?” Na percepção de 90% dos educandos, eles relataram que a escola não toma nenhuma posição a respeito desta problemática. Porém, nós enquanto educadores, discordamos parcialmente, já que estamos todos preocupados e envolvidos na busca de soluções reais que minimizem este problema. E também porque a escola vivencia projetos direcionados para Direitos Humanos e para a questão da convivência e valores.

Diante disto, ressaltamos que, para realmente haver transformação no comportamento dos educandos se faz necessário que a família dê sua contribuição, já que é a primeira instituição responsável pela educação dos seus/suas filho (a)s.

Uma atitude em que a escola poderia adotar seria buscar parcerias com entidades da sociedade civil, jurídica e religiosa almejando que eles possam contribuir positivamente com a instituição. Estas parcerias podem dar suas contribuições na vivência de projetos, já que alguns alunos sugeriram a realização de projetos alusivos à temática.

É do conhecimento dos próprios educandos que a prática do bullying compromete seu aprendizado, uma vez que eles alegaram em seus questionários que as vítimas ficam assustadas, retraídas, apresentam baixo rendimento nas notas bimestrais, ficam desmotivados, entre outros problemas. No entanto, não basta apenas o reconhecimento. Temos que educar o aluno para que ele possa perceber

que esta prática é destrutiva e, portanto, não devemos cometê-la não somente na escola e sim na nossa vivência diária.

Outra problemática que já foi detectada por alguns alunos em nossa escola está relacionada à prática do cyberbullying (bullying virtual) já que nos deparamos com alguns alunos incentivando agressividades entre colegas, alegando que eram para filmar e postar nas redes sociais para ver quantas pessoas “acessavam ou curtiam, as postagens”.

Estes alunos não sabem que esta prática chama-se cyberbullying, assim como desconhecem a gravidade da mesma, uma vez que, além da agressão à vítima, ainda há o constrangimento, a humilhação e a exposição. Para esta prática, na maioria das vezes não se pode fazer muita coisa já que a descoberta do praticante torna-se mais difícil.

Neste caso, a escola enquanto entidade educativa juntamente com a família, necessita trabalhar esta questão sobre o cyberbullying e mostrar os perigos causados por ele fazendo-os perceber que não deve expor as pessoas sem a devida autorização. O cyberbullying não compromete a indisciplina escolar da mesma forma que o bullying já que é praticado virtualmente, porém deixa sequelas, talvez maiores, por não conhecer o praticante e também porque o constrangimento é bem maior visto que a vítima fica exposta nas redes sociais difundidas pelo mundo inteiro.

Todavia, esta prática já é considerada crime, e caso estas pessoas sejam descobertas, elas responderão criminalmente por tal ato. Os agressores geralmente criam perfis falsos em sites de relacionamentos ou e-mails fazendo-se passar por outra pessoa e adotam apelidos para propagar boatos e intrigas. Muitos chegam a criar blogs com a intenção de “zoar” com as vítimas, outros atacam expondo fotografias nas quais eles fazem através de montagens, registram comentários racistas e/ou preconceituosos que desrespeitam a pessoa. Segundo Silva (2010, p. 130) diz que

Podemos e devemos aprender a combater a prática do bullying, mas não é possível justifica-la ou tolerá-la. Infelizmente, qualquer um de nós está sujeito a receber conteúdos indesejáveis, ter o e-mail invadido ou se deparar com montagens grotescas de suas fotos no universo virtual.

Diante desta problemática, cabe a nós educadores mostrarmos aos nossos educandos os benefícios e os malefícios que a navegação nas redes sociais nos

proporciona cotidianamente. E a família pode auxiliar nesta atividade buscando sempre interagir com seu/a filho/a e de certa forma, vigiar ou controlar o uso das redes sociais. Silva (2010, p. 133) ainda relata que

O bullying virtual encontra fatores bastante propícios para se proliferar de forma sombriamente imprevisível. Dentre eles podemos citar: a inexistência de padrões legais e éticos para a utilização dos recursos tecnológicos da informação e da comunicação; a falta de empatia, de sensibilidade e de responsabilidade nas relações interpessoais; a certeza do anonimato, da impunidade e do silêncio acuado das vítimas.

Nós, enquanto educadores da Escola Estadual Gama e Melo, estamos sempre engajados para que o bullying e a indisciplina não se transformem em um problema gerador de outros, como por exemplo, a evasão escolar, reprovação, desinteresse, dentre outros. A equipe sempre debate estas problemáticas nos encontros semanais (Horário Departamental), objetivando melhorar o desempenho acadêmico assim como a convivência escolar em nossa instituição.

3.2 A visão da gestora da escola em relação ao bullying

Uma forma de identificarmos as medidas tomadas pela Escola Gama e Melo em relação ao problema do bullying e da indisciplina, foi realizarmos uma entrevista com a gestora da referida instituição, a senhora Maria Inês Patrício de Sousa, para que a mesma relata-se e se conhecia a real situação desta prática no recinto escolar, bem como expor as estratégias que estão sendo adotadas e/ou que pretende adotar para minimizar tais problemas.

As respostas da diretora foram compactas, porém com algumas semelhanças às respostas dos educandos e também seguindo a linha de pensamentos dos autores apresentados neste trabalho. O quadro abaixo retrata-nos na íntegra a entrevista com a gestora:

Quadro 1 – Entrevista com a gestora da Escola Gama e Melo

QUESTIONAMENTOS DIRECIONADOS PARA GESTORA	RESPOSTAS FORNECIDAS PELA GESTORA
É do seu conhecimento que na Escola Gama e Melo ocorrem casos de bullying?	Sim
De que forma isto ocorre mais?	De forma brincalhona e muitas agressividades, deixando os colegas constrangidos.
Quais as consequências desta prática?	Mexe com o psicológico da criança desenvolvendo distúrbio de comportamento indisciplinar.
Que medidas a senhora enquanto gestora pretende adotar para minimizar este problema?	Trabalho de conscientização ao aluno indisciplinado.
A senhora pretende buscar parcerias que ajudem a subtrair este mal? Quem?	Sim. O Conselho Tutelar; CREAS - Centro de Referência Especializado de Assistência Social e palestrantes que tenha conhecimento na área.
A senhora acha que a prática do bullying compromete o aprendizado dos educandos? De que forma?	Sim. O bullying compromete o aprendizado porque ele sente-se inferior dependendo do apelido que for colocado e/ou agredido.
Na sua visão, os educadores deste Estabelecimento de Ensino estão preocupados em solucionar ou minimizar este problema? Como?	Sim. Os educadores estão preocupados em solucionar o problema através do trabalho em parceria com a comunidade escolar e outros órgãos.

Diante das respostas oferecidas pela diretora, pudemos perceber que ainda falta um conhecimento mais abrangente sobre o assunto, o que comprova o pensamento de alguns autores quando nos revelaram que para trabalhar esta temática se faz necessário buscar múltiplas informações, já que não devemos associar o bullying simplesmente a apelidos e agressões.

Apresentamos abaixo uma fotografia, que foi registrada no dia em que realizamos a nossa entrevista com a Gestora da Escola Gama e Melo, a senhora Maria Inês Patrício de Sousa.



Foto 02 Entrevistando a Gestora da Escola Gama e Melo. **Fonte:** Autora – 09 Jun. 2014

Precisamos inculcar em cada aluno/cidadão que o bullying é um problema muito maior que agressividade e xingamentos. Devemos fazer com que cada um compreenda que ele encontra-se presente nas várias vertentes da sociedade e de diversas formas possíveis. Vejamos algumas:

- *Verbal* quando há insultos, ofensas, xingamentos, gozações, etc.;
- *Físico* e material como bater, chutar, empurrar, espancar, roubar, furtar ou destruir os pertences da vítima, atirar objetos;
- *Psicológica e moral* aparece através da irritação, humilhação, exclusão, isolamento, discriminação, provocando terror e ameaças, difamação, chantagens, dentre outras;
- *Sexual* apresenta-se através de abusos, assédios, insinuações;
- *Virtual* quando a prática ocorre através dos meios tecnológicos conectados à internet.

Todas estas formas de agressividades estão presentes nas ações, não somente dos educandos, mas de certa forma, na maioria das pessoas, que contribui para desencadear uma série de problemas e/ou conflitos. Em se tratando do ambiente escolar, este compromete totalmente o aprendizado e a convivência entre os alunos e aqueles que participam desse espaço educacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluirmos este trabalho, pudemos perceber que a prática do bullying está presente em quase todas as instituições escolares, e ocorre muitas vezes de forma sutil que passa quase imperceptível aos nossos olhos. Ele é uma extensão da vivência cotidiana das crianças e dos adolescentes. A escola enquanto entidade educativa tem o dever de buscar ajuda e/ou subsídios para minimizar esta prática já que ela é responsável por vários sujeitos, entregues pela família, e que deposita total confiança e responsabilidade.

É importante lembrar a todos que compõem a instituição que este problema torna-se grave diante das sequelas herdadas pelas vítimas, já que em alguns casos, são para sempre devido o fenômeno ser devastador e afetar a autoestima e a saúde das pessoas. Tudo começa com uma simples brincadeira, colocando apelidos, querendo ser engraçado, porém no decorrer do tempo, o problema vai tomando uma proporção maior, e quando percebemos o mal já está causado. É do nosso conhecimento que esta prática existe há bastante tempo, porém não significa dizer que ela não possa ser minimizada, já que erradicá-la seja quase impossível.

Mas, para diminuí-la se faz necessário que toda instituição escolar, juntamente com a família, se unam em prol deste mesmo objetivo. Como diz Miranda (2011, p. 15) “É no cenário escolar que a criança é convidada a conviver com a diversidade e com a complexidade das relações, das emoções, das ideias, das crenças e dos valores individuais”.

Para que este problema seja evitado, nós educadores necessitamos do apoio da família, a qual possa conversar com seus filhos/a e mostrar que todo ser humano merece ser respeitado e valorizado. Pois a técnica do diálogo constante é uma estratégia simples, eficiente e prática, visto que evita transtornos em qualquer ambiente. Percebe-se nas crianças que desenvolvem o bullying, que as mesmas, na maioria das vezes não têm limites, assim como os pais não têm controle diante deles e dessa forma o problema é direcionado para a escola.

Cabe aos pais, enquanto primeiros educadores de seus/suas filhos/a, o dever de educar disciplinadamente, criando regras a serem seguidas, as quais demonstrem gestos de cidadania. Agindo assim, a criança aprenderá a comportar-se socialmente com respeito e solidariedade. Já a escola enquanto instituição educativa

deve oferecer conhecimentos pautados na prevenção, combate ou erradicação do bullying.

Em relação ao nosso estudo, no que concernem as entrevistas, realizadas com os alunos podemos concluir que as mesmas, não foram tão satisfatórias enquanto esperávamos, tendo em vista que grande parte dos educandos não possui uma maturidade escolar adequada, devido aos poucos anos de estudo. Por isso, as respostas não foram totalmente coerentes, devido à falta de conhecimento sobre a temática. No que diz respeito à entrevista realizada com a gestora da Escola Gama e Melo, pudemos perceber que ainda faltou um conhecimento mais abrangente sobre as práticas do bullying.

Portanto, nós enquanto educadores, devemos estar preparados para oferecer uma gama de conhecimentos que incluam, não somente as informações curriculares, mas que retrate a questão dos valores como: respeito à diversidade, convivência, solidariedade, tolerância e amor ao próximo.

REFERÊNCIAS

CHALITA, Gabriel. **Pedagogia da Amizade – Bullying**: o sofrimento das vítimas e dos agressores/ Gabriel Chalita – São Paulo: Editora Gente, 2008.

FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas, SP: Verus Editora, 6ª edição – 2011.

GUARESCHI, Pedrinho A; SILVA, Michele Reis da. **Bullying**: mais sério do que se imagina. Porto Alegre. EDIPURS, 2008.

MIRANDA, Simão de. **Previna o bullying**: Jogos para uma cultura de paz/Simão de Miranda, Miriam Dusi. Campinas, SP: Papyrus, 2011.

PEREIRA, Sônia Maria de Souza. **Bullying e suas implicações no ambiente escolar**. São Paulo: Paulos, 2009.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying**: mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Editora FONTANAR, 2009.

SILVA, Nelson Pedro. **Indisciplina e bullying**: soluções ao alcance de pais e professores / Nelson Pedro – Silva. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

TIBA, Içami. **Disciplina na medida certa**: Novos paradigmas. São Paulo: Integrare Editora, 2006.